

Boletim

Justiça e Paz



Director: José Carlos Duarte
Edição n.º 1, Jan. a Mar. 2007

Periodicidade: Trimestral

Tiragem: 200 exemplares

Distribuição Gratuita

J.J.P.V (Jovens pela Justiça e Paz do Prior Velho)

Tudo surgiu da vontade do Padre Valentim, nosso pároco, em levar um grupinho de jovens a uma Conferência que se realizou no dia 11 de Novembro, organizada pela Comissão Justiça e Paz, no Seminário Missionário do Verbo Divino.

Foram seleccionados seis jovens e dois responsáveis, designadamente: Ana Catarina Santos; Ana Isabel Rocha; Bernardo Gomes; Cátia Filipa Alves; César Silva (responsável); Ricardo Caetano (responsável); Rosângela; Sara Miguéns.

Sinceramente, quando lemos o programa do dia da conferência, que consistia na apresentação dos temas «As Assimetrias Mundiais», «As relações entre o Norte e o Sul» e «Alternativas para um Estilo de Vida Justo e Responsável», pareceu um pouco estranho o facto de terem sido na sua maioria escolhidas pessoas que seguem estudos que à partida nada têm a ver com a Economia, como por exemplo, Artes e Ciências.

As apresentações correram todas muito bem com uns jogos e vídeos pelo meio para nos mostrar, de uma forma mais prática, o que acontece todos os dias na economia quer nacional quer internacional pois ambas estão totalmente dependentes entre si.

Depois de termos visto os escandalosos números relativos a despesas fúteis que poderiam servir para acabar com a fome no mundo, a miséria que os produtores recebem pela sua produção que muitas vezes os leva à falência e o mal que andamos a fazer ao nosso planeta com a quantidade de lixo que produzimos todos os dias consciente ou inconscientemente, reparamos que nos andamos a autodestruir. Porém, se o mundo mergulhar numa onda de calor, se os glaciares derreterem e avançarem para terra isso de certeza não vai acontecer apenas no outro lado do mundo, mas em toda a parte sem excepções.

À partida, ao chegarmos a estas conclusões, é muito triste pensar que já pode ser tarde demais para mudar esta realidade... Mas isso não é verdade, disse-nos a conferencista Joana. Todos podemos começar a fazer a diferença a qualquer momento.

Em suma, foi com esta ideia de «...começar a fazer a diferença por mais pequena que ela seja» que decidimos formar este grupo e começar a desenvolver alguns projectos, como por exemplo, a Banca de Comércio Justo, ao qual as pessoas têm aderido muito bem, e outros que surgirão futuramente.

Actualmente já temos um novo membro, o José Carlos Duarte, que mostrou interesse e vontade para se juntar a nós e também ele contribuir com as suas ideias, tempo e força para nos ajudar a fazer a tal "pequena diferença".

Pretendemos mostrar ao resto do mundo que a Justiça, a Paz e Igualdade não são meras utopias mas sim objectivos que mesmo a longo prazo podem ser atingidos. Basta querermos e nunca deixarmos baixar a cabeça no primeiro ou segundo sinal de insucesso.

«Justiça e Caridade»

No dia 28 de Novembro, alguns membros do JJPV foram a uma conferência dirigida pelo Eng.º Alfredo Bruto da Costa, que desempenhou o cargo de Ministro da Coordenação Social e dos Assuntos Sociais, no decorrer do V Governo Constitucional Português.

Dos temas abordados pelo orador durante a apresentação vamos focar aquele que nos remeteu mais para o pensamento, que foi a abordagem do exercício da caridade no contexto da Igreja.

Para começar o que é a Caridade?

Caridade, assim como a Palavra de Deus e os Sacramentos faz parte dos três «pilares» que sustentam a nossa Igreja e esta consiste no Amor que devemos ter por Deus e pelo Próximo, ou seja, devemos Amar o Próximo tal como Deus nos Amou e partir em busca de quem precisa de nós sem esperar que nos peçam ajuda.

Será que entramos na era do Bem Comum?

Pode parecer tudo muito simples mas se pensarmos bem no que se passa à nossa volta conseguimos observar que os cristãos de hoje têm a tendência para expressar o seu Amor pelo Próximo de uma forma muito individualista mas isso tem de acabar porque se somos todos nós as Pedras Vivas da Igreja/a Família de Deus é nosso dever, como Comunidade, agarrarmos nas «armas» Diálogo e Persistência para conseguirmos lutar pelos nossos objectivos.

É verdade que nem todos seguimos a mesma religião mas não é por isso que deixamos de fazer parte de uma sociedade. Logo, todos têm o direito de se mover para levar às autoridades superiores as suas opiniões/sugestões, para tal a nossa Democracia Representativa poderia ser mais Participativa através de órgãos específicos que representassem a sociedade de uma forma muito mais influente, directa e acrescida no Governo, assim, talvez o povo andasse mais bem-disposto com as decisões «Daqueles senhores que gostam é de se mostrar no poleiro...»

Voltando ao princípio, será que praticamos uma Caridade Camuflada?

Quantas vezes nos são pedidos bens alimentares, peças de vestuário e outros produtos durante uma missa ou até mesmo na rua e nós na semana seguinte levamos o que nos foi possível adquirir e entregamos aos responsáveis pela «campanha» ficando por ali...supostamente as coisas serão organizadas e só depois distribuídas mas pensemos um pouco! À partida como é que eu sei se consegui ajudar alguém se eu não vi a pessoa que precisava? Como é que eu sei que a pessoa necessitava realmente daqueles produtos? Dei uma camisola e quando esta se estragar a pessoa vai ficar com frio novamente... isto são exemplos de perguntas que raramente nos surgem mas na realidade são bem pertinentes quando estamos a falar no exercício da caridade, pois se não tivermos nenhum contacto com o Próximo como é que eu o vou poder Amar?

Muitas Igrejas existem só mesmo para celebrar as eucaristias ao domingo devido ao facto destas serem frequentadas por pessoas que até vivem bem e não conhecem uma das outras realidades do mundo que é a Pobreza?

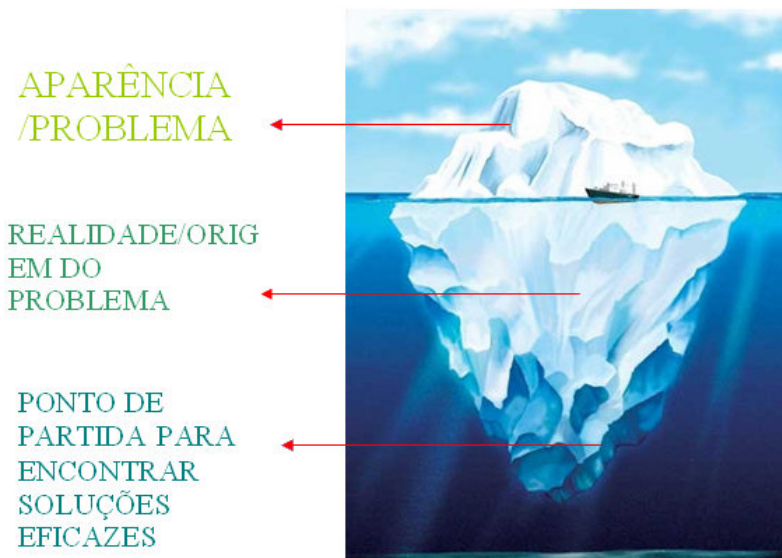
Nestas situações podemos dizer que existe uma caridade camuflada porque se as pessoas não têm a mínima noção do que é não ter dinheiro para alimentar os filhos, ter frio no Inverno por falta de agasalhos, etc. nestas circunstâncias será que chega dar o que não nos faz falta quando nos é pedido?

Da próxima vez que nos pedirem objectos, comida, etc. para estes serem distribuídos a pessoas carenciadas seria um desafio sermos nós mesmos a ir entregar as coisas que podemos dar, desta forma teríamos a oportunidade directa de explorar a realidade das necessidades de cada um.



Só assim julgo ser possível um ajuste mais digno, com bens materiais e/ou sociais, ajudar a colmatar carências que só ficaram a ser conhecidas devido ao nosso interesse de ir até à origem do iceberg e perceber o porquê de tais problemas.

Se considerarmos o Iceberg como sendo a nossa Sociedade, temos:



C.A.

Comércio Justo

-Sabia que os ténis que calçamos foram fabricados por pessoas que trabalham cerca de 16 horas ou mais por dia?

-Sabia que as bolas com que jogamos foi cosida, muito provavelmente, por uma criança de 6 anos?

-Sabia que por um pacote de café no valor de 2.20€ o produtor, sim... aquele que trabalhou de noite e dia para produzir os grãos, só recebe 0.09€ por pacote de café vendido?



-Sabia que no México até mesmo os grandes produtores de milho comem milho vindo dos Estados Unidos tendo os seus campos carregados de maçarocas sem ter para onde as escoar?

-Sabia que podemos saber o nome do país e da pessoa que bordou a camisola que compramos?

Provavelmente, poucas são as pessoas que fazem ideia das coisas que atrás foram descritas, porque para a maior parte de nós o importante é consumir sem dar grande importância aos factores que estiveram envolvidos no fabrico dos bens, nomeadamente, os meios de produção (matérias-primas, máquinas, etc.) e o mais importante a força de trabalho (mão-de-obra).

Conforme foi dito anteriormente é possível mudar este cenário de «egoísmo» e foi com esse intuito que surgiu o designado «Comércio Justo».

Tal como o nome indica é uma ONG (Organização Não Governamental) baseada no diálogo, transparência e respeito pelas pessoas, legislação e meio ambiente para que sejam respeitados os direitos quer dos produtores, quer dos trabalhadores, isto é, para que o produto seja vendido é necessário que o produtor e todos os envolvidos na produção dos bens e serviços sejam justamente remunerados.

Teoricamente as cooperativas interessadas no produto dirigem-se ao produtor e para que um possível negócio seja concretizado é necessário que a relação entre camponeses e produtores cumpram os seguintes critérios:

- Deve ser garantido um salário justo pelo seu trabalho;

- Parte dos lucros da produção devem ser aplicados na satisfação das necessidades básicas das suas comunidades, por exemplo, na educação, saúde, formação profissional, etc.

- Não existir exploração infantil;

Promove-se:

- As decisões devem ser tomadas democraticamente;

- A igualdade entre mulheres e homens;

- A protecção do ambiente.

O curioso destes negócios é que a abordagem dos compradores resume-se a «Nós não pagamos menos do que...» ao contrário do que se ouve hoje em dia em que o grande objectivo é pagar o menos possível pelos produtos e «...se quer, quer, caso contrário fica com a produção no armazém.».

Graças a esta situação de quase ou até mesmo de exploração é normal que nos surja a pergunta «Mas como é que eu posso ajudar?».

É muito simples, existem lojas de Comércio Justo nas quais podemos adquirir uma grande variedade de produtos alimentares (café, chá, chocolates, etc.) e artesanais (colares, roupa, instrumentos musicais, etc.), mas como é óbvio não é necessário que compremos tudo, basta definir, por exemplo, que a partir de agora só começo a consumir café ou biscoitos só dessas lojas e ao mesmo tempo promover esta ideia pelos amigos, familiares e conhecidos, porque o objectivo é que as pessoas se comecem a preocupar com o processo de fabrico dos bens comprem e talvez, assim, os grandes empresários que enriquecem com o esforço de outros percebam que têm de mudar a sua atitude.

Que garantias tem o consumidor de que o produto comprado é de Comércio justo?

Foi por isso que surgiram as organizações de etiquetagem. Estas estão responsáveis pela fiscalização e colocação de certificados como prova de que todos os países envolvidos no ciclo produtivo cumpriam todos os requisitos para que os bens chegassem até nós e fossem justamente pagos pelo trabalho que deram.

